

SEGURANÇA NO PARQUE OLÍMPICO DO RIO DE JANEIRO E SEUS USOS NO PERÍODO PÓS-JOGOS

SEGURIDAD EN EL PARQUE OLÍMPICO DE RÍO DE JANEIRO Y SUS USOS EN EL PERÍODO POSTJUEGOS

SECURITY AT THE RIO DE JANEIRO OLYMPIC PARK AND ITS USES IN THE POST-GAMES PERIOD

SILVA, GABRIELA COSTA DA

Doutora em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, E-mail: gs.arq@hotmail.com.br

RESUMO

Este artigo investiga a relação entre a percepção de segurança de diferentes grupos de pessoas em áreas olímpicas e seus usos no período pós-jogos. O estudo foi realizado no Parque Olímpico do Rio de Janeiro, localizado no bairro Barra da Tijuca, que recebeu as Olimpíadas de 2016. Foram aplicados 282 questionários com usuários deste parque e moradores do entorno e 80 entrevistas estruturadas com os seguintes grupos: usuários do Parque Olímpico; moradores das imediações; funcionários dos equipamentos esportivos do Parque Olímpico; e alunos do Colégio Alfa Cem (localizado no Parque Olímpico). Os dados dos questionários foram analisados no programa estatístico SPSS/PC por meio de frequências e testes estatísticos não-paramétricos e das entrevistas por meio de interpretações. Os resultados revelam que a percepção de segurança no Parque Olímpico do Rio de Janeiro, sustentada pelo desconhecimento de assaltos, é afetada positivamente pela presença de cercamento. Por sua vez, o fato de as pessoas sentirem falta da maior supervisão de guardas em grandes áreas abertas, mesmo que cercadas, poderia ser tratado também pela inclusão de equipamentos e atividades que sirvam como atratores de usuários e, logo, contribuam para a supervisão dessas grandes áreas, tais como bares e/ou cafeterias e pistas de caminhada, corrida e skate.

PALAVRAS-CHAVE: percepção; segurança; parque olímpico; uso pós-jogos.

RESUMEN

Este artículo investiga la relación entre la percepción de la seguridad en las áreas olímpicas por parte de diferentes grupos de personas y su uso en el período postjuegos. El estudio se llevó a cabo en el Parque Olímpico de Río de Janeiro, ubicado en el barrio Barra da Tijuca, sede de los Juegos Olímpicos de 2016. Se aplicaron 282 cuestionarios a los usuarios de este parque y residentes de los alrededores y 80 entrevistas estructuradas con los siguientes grupos: Usuarios del parque Olímpico; residentes cercanos; empleados de las instalaciones deportivas del Parque Olímpico; y estudiantes del Colégio Alfa Cem (ubicado en el Parque Olímpico). Los datos de los cuestionarios fueron analizados en el programa estadístico SPSS/PC mediante frecuencias y pruebas estadísticas no paramétricas y entrevistas a través de interpretaciones. Los resultados revelan que la percepción de seguridad en el Parque Olímpico de Río de Janeiro, sustentada en el desconocimiento sobre robos, se ve afectada positivamente por la presencia de cercas. A su vez, el hecho de que las personas echen de menos una mayor supervisión por parte de los vigilantes en las grandes áreas abiertas, incluso cercadas, también podría abordarse mediante la inclusión de equipos y actividades que sirvan como atractores de usuarios y, por lo tanto, contribuyan a la supervisión de estas grandes áreas, como bares y/o cafés y pistas para caminar, correr y patinar.

PALABRAS CLAVES: percepción; seguridad; parque Olímpico; uso postjuegos.

ABSTRACT

This paper investigates the relationship between different groups of people's perception of security in Olympic areas and their use in the post-game period. The study was carried out at the Barra Olympic Park, located in the Barra da Tijuca neighborhood, in the city of Rio de Janeiro - RJ, which hosted the 2016 Olympics. 282 questionnaires were applied to users of this park and surrounding residents and 80 structured interviews with the following groups: Olympic Park users; nearby residents; employees of the sports facilities at the Olympic Park; and students from Colégio Alfa Cem (located in the Olympic Park). The data from the questionnaires were analyzed in the SPSS/PC statistical program using frequencies and non-parametric statistical tests and interviews through interpretations. The results reveal that the perception of security in the Barra Olympic Park, supported by the lack of knowledge about robberies, is positively affected by the presence of fencing. In turn, the fact that people miss greater supervision by guards in large open areas, even fenced ones, could also be addressed by including equipment and activities that serve as attractors of users and, therefore, contribute to the supervision of these areas. large areas, such as bars and/or coffee shop and walking, running and skating tracks.

KEYWORDS: perception; security; olympic park; post-game use.

Recebido em: 19/06/2023
Aceito em: 25/04/2024

1 INTRODUÇÃO

Embora o Comitê Olímpico Internacional (COI) não estabeleça relação entre o uso das áreas olímpicas e a segurança na cidade-sede, maior atenção nesse aspecto é dada desde as Olimpíadas de Munique em 1972 (Boykoff; Fussey, 2014; Spaaij, 2016), que foi palco de um ato terrorista que vitimou nove atletas israelitas que participavam do megaevento (Cardoso, 1996). De acordo com a Carta Olímpica (IOC, 2017), o COI tem a responsabilidade geral de assegurar a celebração regular dos Jogos e não de impor medidas de segurança na cidade-sede, deixando tal incumbência para representantes do governo, que impõem medidas de segurança, principalmente, no período das Olimpíadas por meio de reforço policial (Gaffney, 2015).

Todavia, entende-se que diferentes tipos de crimes (p. ex., roubo e furto a pedestre e roubo e furto de veículos) ocorridos no espaço aberto público requerem condições e motivações distintas para serem praticados e que determinadas propriedades do ambiente físico podem reduzir a ocorrência destes crimes e contribuir para a percepção de segurança, otimizando o uso dos espaços abertos públicos e dos equipamentos acessíveis a partir destes (Newman, 1972; Poyner, 1983).

Conforme Francis (2003), a percepção de segurança é requisito para uma boa avaliação de desempenho do espaço aberto, em contraposição, se houver uma percepção de insegurança e medo em determinado espaço, as pessoas tendem a evitá-lo, mesmo quando bem projetado e atrativo. O medo do crime mantém as pessoas fora das ruas, parques e praças, especialmente à noite, agindo como uma barreira para a participação da vida pública da cidade. Esta situação promove ainda mais a percepção de insegurança, pois, segundo Hillier et al., (1993) e Jacobs (2014), quanto maior a presença de pessoas, maior a percepção de segurança e menor a possibilidade de ocorrência de crimes. No entanto, estudos realizados em Pelotas (Zanotto, 2002) e Porto Alegre (Vieira, 2002), Rio Grande do Sul, que relacionam a segurança e o movimento de pessoas por meio da análise sintática, indicam que áreas mais integradas e, conseqüentemente, com maior intensidade de movimento, apresentam maior número de crimes. Por outro lado, espaços menos integrados e mais segregados demonstram ter índices de crimes mais baixos.

A aparência das edificações e dos espaços abertos também influencia na percepção de segurança. Logo, locais com boa aparência podem proporcionar maior sentimento de segurança comparado a espaços com má aparência (Newman, 1972; Saville; Cleveland, 1998), da mesma maneira que locais com boa manutenção e limpeza transmitem maior sentimento de segurança, contribuindo para a prática de atividades sociais nos espaços abertos (Gambim, 2007; Reckziegel, 2009). A manutenção inadequada dos espaços indica ausência de envolvimento por parte dos moradores e/ou órgãos públicos responsáveis, estimulando o vandalismo e outros tipos de crimes contra a propriedade (Newman, 1972). Adicionalmente, a iluminação noturna parece ser importante para proporcionar sentimento de segurança às pessoas (Gehl, 2010; Jacobs, 2014; Polko; Kimic, 2022), tendo em vista que caminhos escuros são frequentemente mencionados como locais onde as pessoas se sentem inseguras, bem como espaços mais suscetíveis ao vandalismo e aos demais tipos de crimes devido à redução da visibilidade (Voordt; Wegen, 1990).

Estas características (boa aparência, manutenção, limpeza e iluminação) tendem a fazer parte das áreas olímpicas durante os Jogos Olímpicos, pois grande parte dos equipamentos foi recentemente construída e pouco ou nunca utilizada. No entanto, com o término do megaevento nem sempre os cuidados adequados são realizados, o que é evidenciado pelas instalações subutilizadas em diferentes edições do megaevento (Raeder, 2010), tal como a Arena de Vôlei em Pequim (2008) (Yu, 2012).

Ainda, o controle de território, relacionado ao sentimento de propriedade e pertencimento que os indivíduos têm sobre o espaço urbano, é citado por alguns autores como princípio fundamental para a segurança (Newman, 1972; Saville; Cleveland, 1998). Este controle pode ser realizado por barreiras simbólicas ou reais e permite regular regras de funcionamento social, promovendo a segurança e a percepção de segurança. Embora este conceito seja utilizado, na maioria das vezes, para demarcar o espaço privado do público em áreas residenciais (Newman, 1972), o controle de território também pode ser aplicado para definir diferentes espaços públicos (Gärtner, 2008), como acontece em Parques Olímpicos, os quais recebem grades nas suas limitações no período dos jogos com o objetivo de aumentar a segurança e controlar o acesso, exemplificado pela edição de Londres (2012) (Goldby; Heward, 2013). Algumas cidades-sede optam pela permanência deste cercamento após o término dos jogos, como aconteceu no Parque Olímpico de Atenas (2004) e do Rio de Janeiro (2016), todavia, não há conhecimento sobre o impacto destas cercas na percepção de segurança dos usuários.

Por sua vez, estudo sobre o uso de espaços públicos de lazer em Campo Grande, Mato Grosso do Sul (Basso, 2001), revela que a presença de grades e guardas na Praça Itanhangá favorece a percepção de segurança dos seus usuários durante o dia. Estas características em conjunto do uso intenso e diversificado do Parque Horto Florestal também implicam na percepção de segurança neste parque durante o dia e à

noite. Logo, embora o cercamento não garanta a segurança nestes espaços, a sua presença parece contribuir para o sentimento de segurança dos seus usuários.

Ainda, conforme o estudo de Gregoletto et al. (2013), sobre parques urbanos em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a presença de grades no Parque Germânia influencia na percepção de segurança dos seus usuários, a qual diminuiria caso não fosse cercado. Por outro lado, este mesmo estudo evidencia que a suposta presença de cerca no Parque Farroupilha não resultaria na maior segurança dos seus usuários, apesar de ter sido mencionada como tendo algum impacto sobre a segurança após outros aspectos, como a existência de policiamento, iluminação e câmeras de segurança. As diferentes percepções sobre a presença ou não de cercamento e a segurança nos dois parques indicam que as situações específicas de cada parque, incluindo as relações dos mesmos com o contexto urbano, implicam no sentimento de segurança.

Outros estudos realizados no Parque Farroupilha, Porto Alegre (Reis et al., 2016), e em parques urbanos da Polônia (Polko; Kimic, 2022) indicam que a percepção de segurança está mais associada à presença de policiamento, iluminação e número satisfatório de câmeras de segurança do que à existência de cercas. Assim, parques urbanos sem cercamento tenderiam a facilitar a circulação e a presença de pedestres, auxiliando na redução de ocorrências criminais através da vigilância natural exercida pelos próprios usuários do parque (Gehl, 2010; Jacobs, 2014).

No tocante à percepção de segurança em Parques Olímpicos e seu entorno, há pesquisas relacionadas ao período do megaevento (p. ex., Neirotti; Hilliard, 2006; Konstantaki; Wickens, 2010; Boo; Gu, 2013), devido à quantidade de atentados terroristas durante as Olimpíadas ou em datas muito próximas (Munique em 1972, Atlanta em 1996, Londres em 2012) e a sua influência na decisão dos espectadores de assistir aos jogos (Neirotti; Hilliard, 2006). Quanto à segurança no interior de Parques Olímpicos no período pós-jogos, Bertuzzi e Cardoso (2018) investigam de modo exploratório o Parque Olímpico do Rio de Janeiro, a partir de 32 entrevistas com seus usuários. O estudo questiona a segurança no interior do parque, que, considerando sua dimensão, possui pouco policiamento. Ainda, a segurança no Parque Olímpico foi avaliada pelos entrevistados em uma escala de 1 a 10, a qual obteve média de 7,97 em razão dos usuários entrevistados não terem conhecimento de crimes no local e de haver a presença de alguns guardas.

A segurança no Parque Olímpico do Rio de Janeiro também é abordada no estudo exploratório de Silva e Reis (2018), o qual revela que os quatro usuários do Parque Olímpico entrevistados consideram a segurança do local como aspecto positivo. Por outro lado, dentre 35 moradores do entorno do Parque Olímpico entrevistados que haviam frequentado o local, a segurança foi citada como aspecto positivo por apenas cinco pessoas. Este mesmo estudo investiga os equipamentos olímpicos localizados em Deodoro, revelando que dentre 17 moradores do entorno do Parque Radical entrevistados, cinco citaram a insegurança como um aspecto negativo, uma vez que há brigas, roubos e uso de drogas no entorno da área olímpica. Adicionalmente, dentre 22 usuários da Arena Juventude entrevistados, quatro mencionaram que o fato desta instalação estar localizada em uma área militar reforça a segurança no local. No entanto, a segurança foi abordada no estudo apenas quando os entrevistados mencionaram esta variável como aspecto positivo ou negativo.

Por sua vez, estudo realizado em parques urbanos da Filadélfia (Groff; McCord, 2011) evidencia que a diversidade de usos dentro do parque contribui para a segurança no local, principalmente, quando estes usos estiverem relacionados ao esporte e à recreação (p. ex., campos de futebol e beisebol), pois atraem maior quantidade de pessoas, as quais auxiliam na vigilância natural do local. A importância da diversidade de usos para a apropriação dos espaços abertos públicos é mencionada por diferentes autores (Gehl, 2010; Jacobs, 2014), os quais indicam que a oferta de distintas atividades em locais próximos tende a proporcionar áreas de lazer com maior intensidade de uso por indivíduos pertencentes a diferentes grupos de estilo de vida, que ocupam determinados locais dentro das ruas e praças. Por outro lado, o estudo de Sung, Lee e Cheon (2015) mostrou que a presença de comércio é o fator principal para que as pessoas utilizem o espaço aberto público, não havendo relação estatisticamente significativa entre os diferentes usos do solo e a escolha dos usuários de utilizar tais espaços.

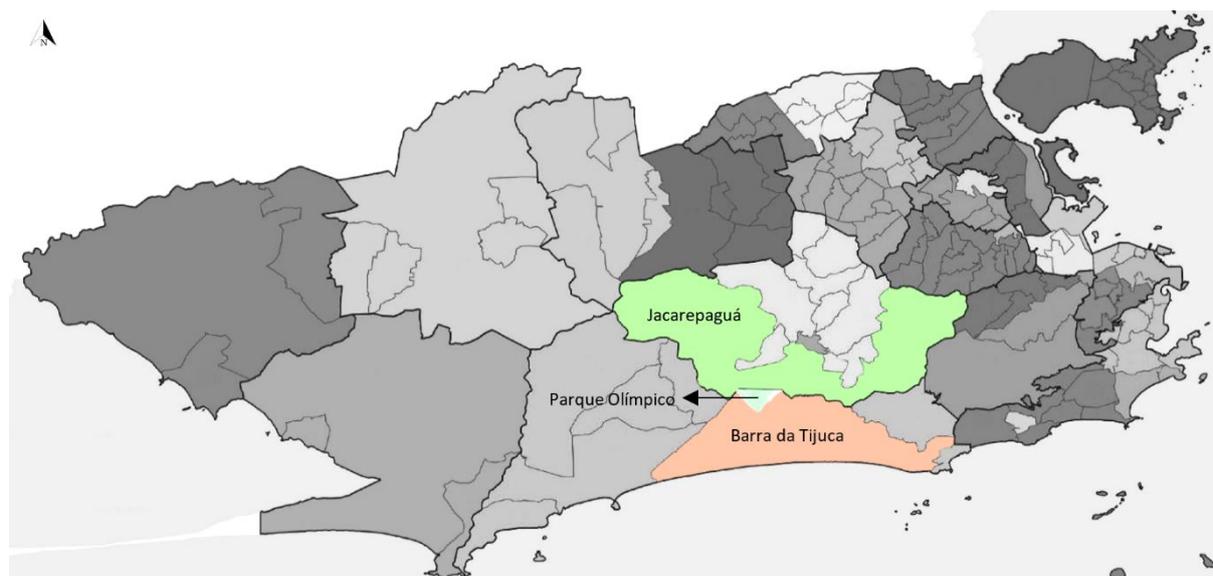
Portanto, as características do espaço aberto público influenciam na percepção de segurança e no seu consequente uso. Embora existam estudos em parques urbanos públicos que abordem aspectos que implicam na percepção de segurança do local pelos seus usuários (Basso, 2001; Gregoletto et al., 2013; Reis et al., 2016; Polko; Kimic, 2022), é necessário obter maior conhecimento acerca da percepção de segurança, especificadamente, em Parques Olímpicos a partir dos seus usuários e moradores do entorno, uma vez que poucos estudos abordam este assunto (Silva; Reis, 2018; Bertuzzi; Cardoso, 2018). Ainda, destaca-se a importância de considerar a percepção de diferentes grupos de pessoas em razão, por exemplo, do sentimento de insegurança manifestar-se de forma distinta conforme o gênero e a faixa etária (Carro; Valera; Vidal, 2008; Mehta, 2013). Posto isto, é objetivo deste artigo investigar a relação entre a

percepção de segurança de diferentes grupos de pessoas em áreas olímpicas e seus usos no período pós-jogos.

2 METODO

Para atender ao objetivo desta pesquisa, tem-se como estudo o Parque Olímpico do Rio de Janeiro, que recebeu as Olimpíadas de 2016. Este Parque está localizado no bairro Barra da Tijuca, zona oeste da cidade, o qual é caracterizado por ocupações de alto poder orçamentário (Pasquotto, 2016). Embora o Parque Olímpico esteja localizado no bairro Barra da Tijuca, o mesmo faz limite com o bairro Jacarepaguá (Figura 1), caracterizado pela expansão imobiliária e pela construção de condomínios de alto padrão (Freitas; Elias, 2017).

Figura 1: Limites entre os bairros Barra da Tijuca e Jacarepaguá e a localização do Parque Olímpico do Rio de Janeiro.



Fonte: Silva (2022).

Em uma área de 1,18 milhão de metros quadrados (Alves, 2017), o Parque Olímpico é composto por nove equipamentos (Tabela 1) e está apto a receber diferentes modalidades esportivas, tais como: badminton; basquetebol; boxe; caratê; ciclismo de estrada (apoio) e de pista; escalada; esgrima; ginástica artística, rítmica e de trampolim; handebol; judô; levantamento de peso; lutas; skate; taekwondo; tênis; tênis de mesa; tiro com arco; e voleibol de areia e de quadra. Adicionalmente, outras atividades esportivas podem ser realizadas na área aberta deste parque, como caminhadas, corridas e yoga (AGLO, 2017), bem como eventos não esportivos, como o Cirque du Soleil, Rock in Rio e Game XP (Carvalho, 2018).

Tabela 1: Equipamentos adaptados e construídos para as Olimpíadas de 2016 no Parque Olímpico.

EQUIPAMENTOS		ESPORTES	TIPOS
Equipamentos construídos para os Jogos Pan-Americanos de 2007 e adaptados para as Olimpíadas de 2016	Parque Aquático Maria Lenk	Saltos ornamentais, nado sincronizado e polo aquático	Permanente
	Jeunesse Arena	Ginástica artística, rítmica e de trampolim, e basquete em cadeira de rodas	Permanente
Equipamentos construídos para as Olimpíadas de 2016	Velódromo	Ciclismo de pista e paraciclismo de pista	Permanente
	Centro de Tênis	Tênis, futebol de 5 e tênis em cadeira de rodas	Permanente
	Arena Carioca 1	Basquete, basquete em cadeira de rodas e rúgbi em	Permanente
	Arena Carioca 2	Judô, luta livre, luta greco-romana e bocha	Permanente
	Arena Carioca 3	Esgrima, taekwondo e vôlei sentado	Permanente
	Arena do Futuro	Handebol e golbol	Temporário
Centro Aquático	Natação e polo aquático	Temporário	

Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro (2014).

Para atender ao objetivo proposto, a coleta de dados foi realizada em duas etapas, nomeadamente: levantamento de arquivo e levantamento de campo. O levantamento de arquivo consistiu na revisão da literatura pertinente ao tema e nos documentos do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, os quais informaram a relação dos tipos de crimes (roubo à pedestre e de veículos) e suas respectivas quantidades nos bairros Barra da Tijuca e Jacarepaguá. A seleção dos dois bairros ocorreu em razão do Parque Olímpico estar localizado na divisa entre eles.

O levantamento de campo consistiu na aplicação de questionários e entrevistas estruturadas. Os questionários foram realizados de forma online com usuários do Parque Olímpico e moradores do seu entorno, através do programa LimeSurvey, e aplicados a partir da divulgação do link de acesso pelas redes sociais (Instagram e WhatsApp), e presencialmente, por meio de um tablet com acesso à internet disponibilizado pela pesquisadora, totalizando 282 respondentes. Os usuários precisavam utilizar a área aberta do Parque Olímpico e/ou seus equipamentos e os moradores precisavam ter suas residências localizadas em até 2km da entrada principal do Parque Olímpico, independentemente de frequentar o local. Por sua vez, antes de iniciar o questionário, o respondente teve acesso a um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual explicou que a participação na pesquisa seria voluntária e anônima, cujos dados obtidos seriam utilizados apenas para fins acadêmicos.

O questionário dos usuários foi aplicado entre os dias 8 de novembro e 10 de dezembro de 2019, os quais foram abordados pela pesquisadora nas Arenas Cariocas 1, 2 e 3 e no Velódromo e convidados a participar da pesquisa. Com o intuito de aumentar o número de respostas, também foi solicitado aos respondentes a divulgação do questionário entre os seus contatos. Foram respondidos e considerados para a pesquisa 123 questionários, sendo 100 completos e 23 incompletos. O questionário foi composto por 99 questões, seis acerca da caracterização da amostra e 93 sobre o Parque Olímpico e os seus equipamentos. Por sua vez, a amostra dos usuários questionados é caracterizada por 68% de homens e 32% de mulheres. Em maior proporção, estes usuários possuem de 31 a 65 anos (45%) e renda familiar entre dois e cinco salários-mínimos (no valor de R\$998,00, referente ao ano de 2019) (41%) e residem a mais 20km do Parque Olímpico (41%).

O questionário dos moradores foi aplicado entre os dias 2 e 26 de novembro de 2019, os quais foram contatados das seguintes formas: (i) via Instagram a partir do check-in nos condomínios localizados em frente ao Parque Olímpico, cujo link de acesso ao questionário, juntamente com uma apresentação da pesquisa, foi enviado; (ii) via WhatsApp a partir da indicação de outro morador, cujo link para acessar ao questionário foi encaminhado, bem como as informações referente à pesquisa; e (iii) pessoalmente em frente às suas residências, onde as pessoas ou forneceram o número do WhatsApp para o envio do link do questionário ou responderam à pesquisa através do tablet. Foram respondidos e considerados para a pesquisa 139 questionários, sendo 105 completos e 34 incompletos. O questionário foi composto por 98 questões, seis sobre a caracterização da amostra e 92 sobre o Parque Olímpico e os seus equipamentos. Por sua vez, a amostra dos moradores questionados é caracterizada por 57,94% de mulheres e 42,06% de homens, 64,49% com faixa etária de 31 a 65 anos e 44,76% com renda familiar entre 10 e 20 salários-mínimos.

Adicionalmente, 80 entrevistas foram realizadas com usuários do Parque Olímpico, moradores do entorno, funcionários do Parque Olímpico e alunos do Colégio Alfa Cem (localizado dentro deste parque, na Jeunesse Arena), os quais foram contatados pela pesquisadora via rede social (Instagram e WhatsApp, através de indicação), e-mail ou pessoalmente nas áreas de estudo. Antes da realização das entrevistas foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual informava o objetivo da pesquisa, que a participação no estudo seria voluntária, sem identificação do entrevistado, e que os dados obtidos e a publicação dos resultados seriam utilizados apenas para fins acadêmicos.

Com os usuários do Parque Olímpico, 31 entrevistas foram aplicadas, dentre os quais 20 foram contatados e entrevistados presencialmente em dias de evento entre 20 e 26 de novembro de 2019 e 11 foram contatados via WhatsApp, a partir de indicação de outros usuários, e entrevistados via ligação pelo mesmo aplicativo entre 27 de novembro e 15 de dezembro de 2019. O roteiro das entrevistas foi composto por 11 perguntas associadas ao Parque Olímpico e seus equipamentos. Por sua vez, a amostra dos usuários entrevistados é composta por 54,84% de homens e 45,16% de mulheres. Em maior proporção, estes usuários possuem de 19 a 30 anos (38,71%) e renda familiar de até dois salários mínimos (35,48%) e residem a mais de 20km do Parque Olímpico (41,94%). Os usuários entrevistados precisavam frequentar a área aberta do Parque Olímpico e/ou seus equipamentos.

Ainda, 20 entrevistas foram aplicadas com os moradores do entorno do Parque Olímpico entre 12 de outubro e 7 de novembro de 2019, dentre os quais 12 foram contatados via Instagram a partir do check-in nos condomínios localizados em frente a este parque e entrevistados via ligação por WhatsApp e oito foram abordados e entrevistados pessoalmente em frente às suas residências. O roteiro das entrevistas foi

composto por 11 perguntas e a amostra dos moradores entrevistados é composta por 55% de mulheres e 45% de homens. Ainda, 60% possui de 31 a 65 anos e metade tem renda familiar entre 10 e 20 salários mínimos. Os moradores entrevistados precisavam ter suas residências localizadas até 2km do acesso principal do Parque Olímpico.

As entrevistas com os alunos do colégio Alfa Cem foram realizadas em razão destes adolescentes (entre 14 e 18 anos) frequentarem o Parque Olímpico diariamente. Assim, 20 alunos foram entrevistados, contatados pelo Instagram, a partir do check-in na escola, e entrevistados via ligação por WhatsApp entre 28 de outubro e 10 de novembro de 2019. O roteiro das entrevistas foi composto por 12 perguntas e a amostra destes alunos, cuja maioria reside até 2km do acesso principal do Parque Olímpico (70%), é composta por 70% de mulheres e 30% de homens e possuem, em maior proporção, 16 anos (45%).

Adicionalmente, nove entrevistas foram realizadas com funcionários dos equipamentos olímpicos, nomeadamente: (i) uma arquiteta, funcionária do Parque Aquático Maria Lenk, contatada via e-mail e entrevistada neste equipamento; (ii) um fisioterapeuta, funcionário do Parque Aquático Maria Lenk, contatado pelo Instagram a partir do check-in neste equipamento e entrevistado via ligação por WhatsApp; (iii) um assistente comercial da Jeunesse Arena, contatado por e-mail e entrevistado nesta instalação; (iv) um supervisor de sistemas do Velódromo, do Centro de Tênis e das Arenas Cariocas 1 e 2, contatado e entrevistado nesta última; (v) um gerente de infraestrutura do Velódromo, do Centro de Tênis e das Arenas Cariocas 1 e 2, contatado pelo Instagram e entrevistado via ligação por WhatsApp; (vi) um coordenador de infraestrutura do Velódromo, do Centro de Tênis e das Arenas Cariocas 1 e 2, contatado por e-mail e entrevistado via ligação por WhatsApp; (vii) um administrador do Velódromo, contatado e entrevistado pessoalmente neste equipamento; (viii) um gerente de eventos da Arena Carioca 3, contatado e entrevistado pessoalmente neste equipamento; e (ix) um coordenador de eventos da Arena Carioca 3, contatado e entrevistado pessoalmente nesta instalação. Como critério de seleção desta amostra, cada equipamento olímpico deveria ter pelo menos um funcionário entrevistado. O roteiro das entrevistas com estes funcionários incluiu 10 perguntas, sendo duas sobre a caracterização da amostra e oito relacionadas ao Parque Olímpico e seus equipamentos.

A análise dos dados de natureza quantitativa, relacionada aos questionários, foi realizada no programa estatístico SPSS/PC (*Statistical Package for the Social Sciences*) por meio de frequências e dos seguintes testes estatísticos não-paramétricos: (i) tabulação cruzada (Phi); (ii) Kruskal-Wallis (K-W); e (iii) Mann-Whitney U (M-W). Para a realização dos testes, as amostras foram divididas entre os gêneros e as faixas etárias dos moradores do entorno do Parque Olímpico e seus usuários em razão do sentimento de insegurança se manifestar de forma distinta entre estes grupos. Em casos em que esta quantidade foi reduzida (2 e 3 respondentes), apenas a frequência foi considerada. Os dados provenientes das entrevistas estruturadas foram analisados com base em interpretações e julgamentos subjetivos.

3 RESULTADOS

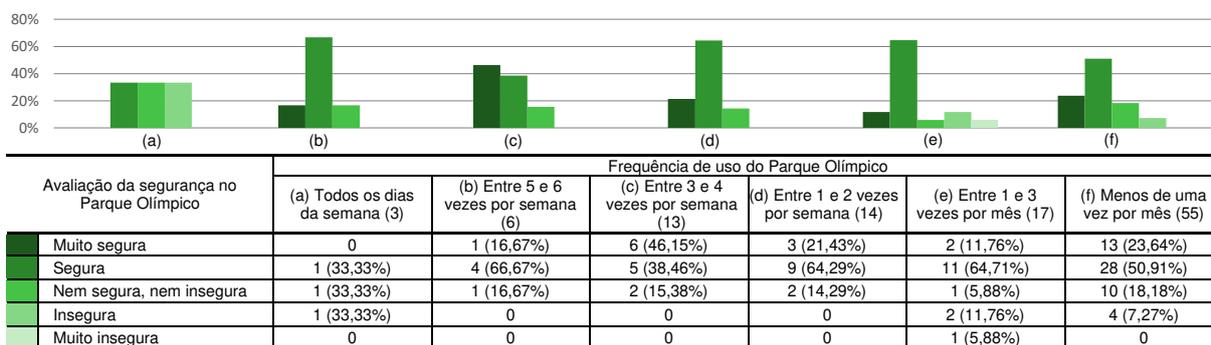
O Parque Olímpico é avaliado como seguro pelos nove funcionários entrevistados, tendo em vista que a guarda municipal atua no local. Em dias de evento, cujo movimento de pessoas é maior, a segurança fica por conta do proponente de tal evento. Conforme um dos funcionários:

O ideal era que a gente pudesse contratar uma empresa privada para dar conta de toda demanda, mas nos eventos o proponente é que traz a sua segurança. Nunca ouvi algum relato de roubo. O que a gente ouviu foi malandro no Rock in Rio bêbado querendo ir embora com o caminhão da Comlurb [Companhia Municipal de Limpeza Urbana]. Tiveram alguns casos isolados do pessoal entrando nesses equipamentos que serão desmanchados para roubar cabos, coisas pontuais. Até a própria equipe de desmontagem do Rock in Rio, mas perto do que é a cidade, nós nunca fomos assaltados andando por aqui.

Da mesma forma, os demais oito funcionários desconhecem relatos de crime dentro do Parque Olímpico, com exceção de pequenos furtos em grandes eventos, como shows. Adicionalmente, a segurança no Parque Olímpico é avaliada como positiva pelos seus usuários questionados (76,85% - 83 de 108) (Figura 2), sobretudo, por: ter vigias no interior do parque (45,78%); possuir cercamento (45,78%); e raramente acontecer roubos (44,58%) (Tabela 2). Embora não existam diferenças estatisticamente significativas entre as avaliações da segurança no Parque Olímpico pelos seus usuários conforme o gênero (teste Mann-Whitney U) e a faixa etária (teste Kruskal-Wallis), verifica-se que a segurança neste parque é percebida de forma mais positiva pelos homens (83,82% de avaliações positivas; 5,88% de avaliações negativas) do que pelas mulheres (68,75% de avaliações positivas; 6,25% de avaliações negativas) e pelos jovens entre 14 e 18 anos (90,91% de avaliações positivas e nenhuma avaliação negativa) do que pelas demais faixas etárias (Figura 3). Observe-se, ainda, que, para os usuários entrevistados, a segurança neste parque é muito

positiva (96,77% - 30 de 31), independentemente de quantos dias por semana estas pessoas vão até o local, uma vez que desconhecem a ocorrência de crimes (100%) e há vigias (63,33%) (Tabela 2).

Figura 2: Avaliação da segurança no Parque Olímpico pelos seus usuários questionados conforme a frequência de uso.



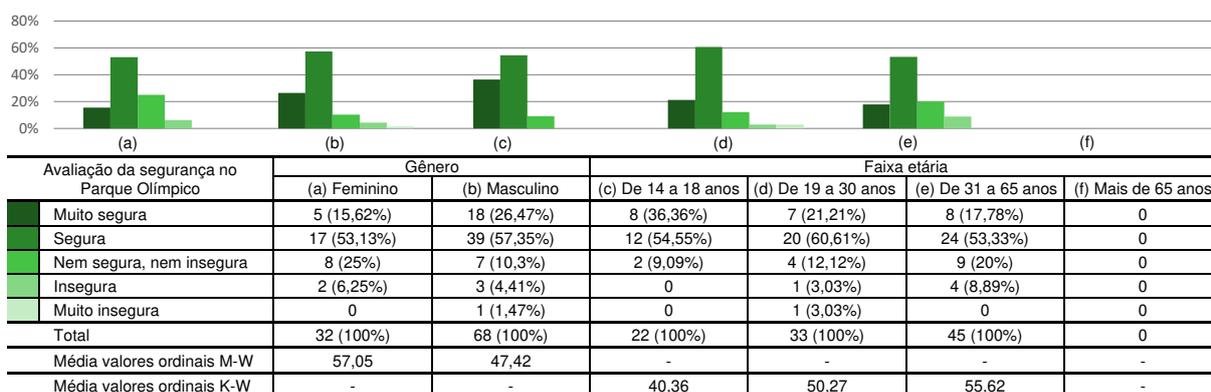
Fonte: Silva (2022).

Tabela 2: Justificativas para a avaliação da segurança no Parque Olímpico por cada grupo.

Justificativas	Avaliações positivas (muito segura e segura)				
	Usuários questionados	Moradores questionados	Usuários entrevistados	Moradores entrevistados	Alunos entrevistados
Há vigias no interior do Parque Olímpico	38 (45,78%)	31 (49,21%)	19 (63,33%)	5 (50%)	9 (52,94%)
O parque possui cercamento	38 (45,78%)	41 (65,08%)	0	3 (30%)	8 (47,06%)
Raramente acontecem roubos	37 (44,58%)	29 (46,03%)	0	0	0
Não acontecem roubos	13 (15,66%)	15 (23,81%)	0	0	0
Desconhecimento de crimes no local	0	0	30 (100%)	0	17 (100%)
Presença de comércios e serviços no entorno imediato	0	0	0	3 (30%)	0
Presença de câmeras de segurança	0	0	0	2 (20%)	0
Total da amostra	83 (100%)	63 (100%)	30 (100%)	10 (100%)	17 (100%)
Justificativas	Avaliações negativas (muito insegura e insegura)				
	Usuários questionados	Moradores questionados	Usuários entrevistados	Moradores entrevistados	Alunos entrevistados
Não há vigias no interior do Parque Olímpico	6 (75%)	5 (83,33%)	0	0	0
Existência de roubos a pedestres	2 (25%)	1 (16,67%)	0	0	0
Presença de poucos vigias no interior do Parque Olímpico	0	0	1 (100%)	0	3 (100%)
Total da amostra	8 (100%)	6 (100%)	1 (100%)	0	3 (100%)

Fonte: Silva (2022).

Figura 3: Avaliação da segurança no Parque Olímpico pelos seus usuários questionados conforme o gênero e a faixa etária.

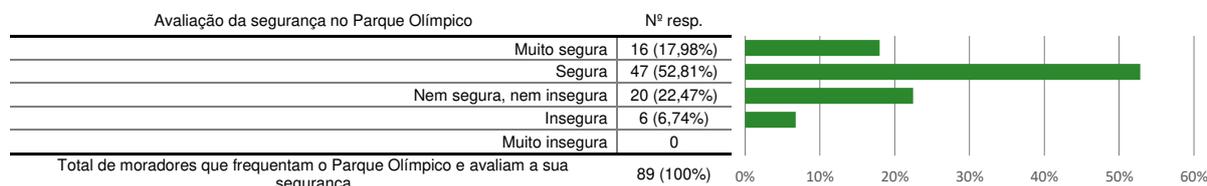


Fonte: Silva (2022).

A segurança no Parque Olímpico é avaliada como positiva pelos moradores do seu entorno questionados que o frequentam (70,79% - 63 de 89) (Figura 4), principalmente, por possuir cercamento (65,08%) (Tabela 2). Por sua vez, não existe diferença estatisticamente significativa entre as avaliações da segurança no Parque Olímpico pelos moradores do entorno conforme o gênero e a faixa etária (teste Mann-Whitney U). No entanto, observa-se uma maior percepção de segurança neste parque por parte dos homens (75,76% de avaliações positivas; 6,06% de avaliações negativas) do que pelas mulheres (63,27% de avaliações positivas; 8,16% de avaliações negativas) e por pessoas com faixa etária entre 19 e 30 anos (76% de avaliações positivas; 4% de avaliações negativas) do que entre 31 e 65 anos (66,04% de avaliações positivas; 7,55% de avaliações negativas) (Figura 5).

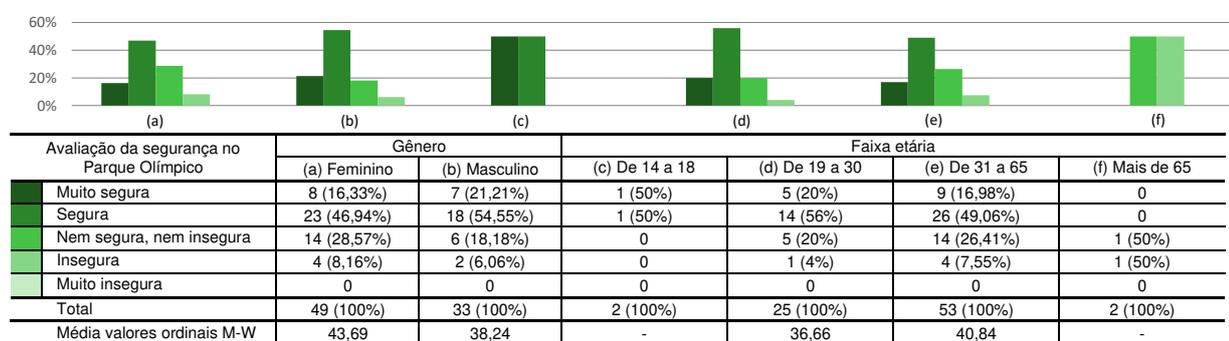
A segurança neste parque é avaliada como muito positiva pelos moradores entrevistados que o frequentam (100% - 10 de 10), principalmente, devido à existência de vigias (50%), comércios (p. ex., fruteira, supermercado e farmácia) e serviços (p. ex., banco, cafeteria, escola, academia e hotel) no entorno imediato (30%) (Figura 6) e cercamento (30%) (Tabela 2). Apesar disso, cinco moradores afirmam que, embora se sintam seguros no Parque Olímpico, a presença de vigias circulando poderia ser maior.

Figura 4: Avaliação da segurança no Parque Olímpico pelos moradores do seu entorno questionados.



Fonte: Silva (2022).

Figura 5: Avaliação da segurança no Parque Olímpico pelos moradores do seu entorno questionados conforme o gênero e a faixa etária.



Fonte: Silva (2022).

Figura 6: Uso do solo do entorno do Parque Olímpico do Rio de Janeiro.



Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro (2019).

Adicionalmente, para 85% (17 de 20) dos alunos do colégio Alfa Gem entrevistados, o Parque Olímpico é seguro por desconhecer crimes no local (100%) e ter vigias (52,94%) e cercamento (47,06%). Contudo, três (15%) alunos avaliam o Parque Olímpico como inseguro por ter poucos vigias na área interna deste parque (Tabela 2). Nesse sentido, um desses alunos explica:

Dentro do Parque Olímpico eu raramente vejo seguranças circulando, principalmente, à noite. Eu me sinto insegura porque é um espaço amplo, têm muitos pontos cegos e só têm seguranças no portão de acesso ou em evento. Nunca aconteceu nada comigo e não conheço pessoas que já tenham sido assaltadas, mas acho que bate insegurança por eu ser mulher.

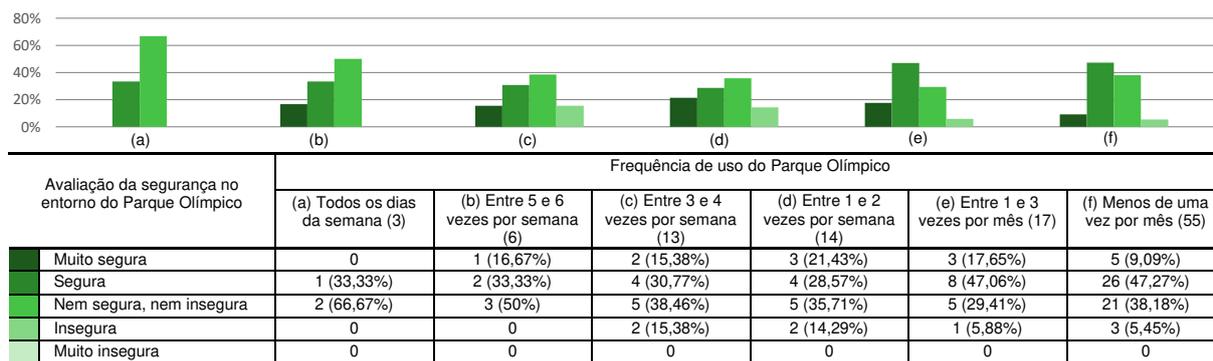
Logo, embora a segurança no Parque Olímpico seja avaliada como positiva pelos seus usuários, moradores do entorno e alunos do colégio Alfa Cem, independentemente do gênero e da faixa etária, a existência de um maior número de vigias fazendo ronda dentro deste parque entre 7h e 22h, período em que se encontra aberto ao público, contribuiria para a maior percepção de segurança destes grupos, sobretudo, devido ao tamanho do local (1.180.000 m²).

Em relação à segurança no entorno do Parque Olímpico, os nove funcionários entrevistados a avaliam como muito positiva por: não ter conhecimento de crimes na região (44,44% - 4 de 9); ter baixo índice de crimes no bairro (33,33% - 3 de 9); estar localizado ao lado da Vila Residencial da Aeronáutica (11,11% - 1 de 9); e estar próximo de condomínios, restaurantes e shopping (11,11% - 1 de 9) (Figura 6). De acordo com um dos funcionários:

A Barra é um dos bairros mais seguros do Rio de Janeiro, até pela forma que ela é concebida, com modelos de condomínios e quase todos os condôminos têm segurança privada. Então, o bairro não propicia muito aquele assalto maior, do cara vir armado, querer vir para cá para fazer um grande ganho. (...) eu me sinto super segura andando por aqui. Nas montagens da obra [para atender aos Jogos Olímpicos] nós saíamos daqui 4 horas da manhã, na madrugada, entrava e saía nunca senti nenhum problema com isso, acho que a região é super tranquila.

Da mesma forma, nenhum dos demais funcionários tem conhecimento de crimes no entorno do Parque Olímpico. Por outro lado, a segurança no entorno deste parque é avaliada como mediana pelos seus usuários questionados (54,63% de avaliações positivas; 7,41% de avaliações negativas) (Figura 7), fundamentalmente, em razão da existência de roubos a pedestres (87,5%) (Tabela 3). Ainda assim, tal avaliação não implica na frequência de uso deste parque, o que pode ser explicado pela percepção positiva em relação à segurança no interior do mesmo (Figura 2).

Figura 7: Avaliação da segurança no entorno do Parque Olímpico pelos seus usuários questionados conforme a frequência de uso.



Fonte: Silva (2022).

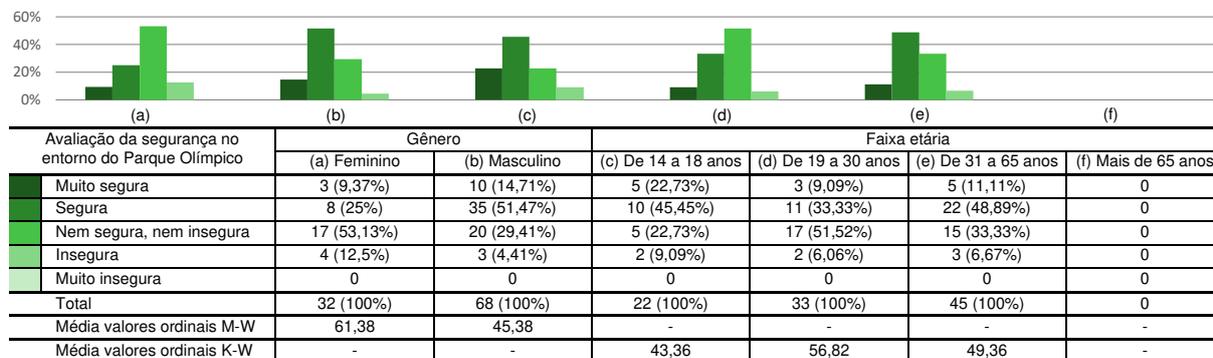
Tabela 3: Justificativas para a avaliação da segurança no entorno do Parque Olímpico por cada grupo.

Justificativas	Avaliações positivas (muito segura e segura)				
	Usuários questionados	Moradores questionados	Usuários entrevistados	Moradores entrevistados	Alunos entrevistados
Raramente acontecem roubos	28 (47,46%)	49 (76,56%)	0	5 (35,71%)	0
Há policiais nas ruas	26 (44,07%)	32 (50%)	5 (18,52%)	5 (35,71%)	7 (50%)
Não acontecem roubos	20 (33,9%)	6 (9,37%)	0	2 (14,28%)	0
Tem movimento de pessoas na rua	0	0	0	2 (14,28%)	3 (21,43%)
Ser uma região bonita	0	0	0	0	1 (7,14%)
Desconhecimento de crimes na região	0	0	27 (100%)	0	3 (21,43%)
Há policiais nas ruas em dias de evento	0	0	4 (14,81%)	0	0
Total da amostra	59 (100%)	64 (100%)	27 (100%)	14 (100%)	14 (100%)
Justificativas	Avaliações negativas (muito insegura e insegura)				
	Usuários questionados	Moradores questionados	Usuários entrevistados	Moradores entrevistados	Alunos entrevistados
Existência de roubos a pedestres	7 (87,5%)	10 (62,5%)	0	4 (66,67%)	0
Existência de roubos de veículos	2 (25%)	6 (37,5%)	0	0	0
Não há policiais nas ruas	1 (12,5%)	7 (43,75%)	0	4 (66,67%)	0
Há poucos policiais nas ruas	0	0	0	0	3 (50%)
Violência existente no Rio de Janeiro	0	0	0	0	3 (50%)
Ter sido assaltado ou conhecer alguém que tenha sido assaltado	0	0	4 (100%)	0	1 (16,67%)
Total da amostra	8 (100%)	16 (100%)	4 (100%)	6 (100%)	6 (100%)

Fonte: Silva (2022).

Por sua vez, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Mann-Whitney, $U=740,00$ sig. = 0,006) entre as avaliações da segurança no entorno do Parque Olímpico pelos seus usuários conforme o gênero, havendo uma maior percepção de segurança por parte de homens (66,18% de avaliações positivas; 33,82% de avaliações negativas) do que pelas mulheres (34,37% de avaliações positivas; 65,63% de avaliações negativas). Por outro lado, não existe diferença estatisticamente significativa entre as avaliações da segurança no entorno do Parque Olímpico pelos seus usuários conforme a faixa etária (teste Kruskal-Wallis), ainda que a maior percepção de segurança seja por jovens de 14 a 18 anos (68,18% de avaliações positivas; 9,09% de avaliações negativas) do que pelas demais faixas etárias (Figura 8).

Figura 8: Avaliação da segurança no entorno do Parque Olímpico pelos usuários questionados conforme o gênero e a faixa etária.



Fonte: Silva (2022).

Para os usuários entrevistados, a segurança no entorno do Parque Olímpico é positiva (87,1% - 27 de 31) por desconhecer crimes na região (100%) e ter policiais nas ruas diariamente (18,52%) (Figura 9) e em dias de evento (14,81%) (Tabela 3).

Figura 9: Guarda municipal fazendo a segurança no entorno do Parque Olímpico do Rio de Janeiro.



Fonte: Silva (2019).

Os moradores do entorno do Parque Olímpico questionados avaliam a segurança da região como mediana (56,14% de avaliações positivas; 14,03% de avaliações negativas) (Figura 10) por ter roubos a pedestres (62,5%), não ter policiais nas ruas (43,75%) e ter roubos de veículos (37,5%) (Tabela 3). Por sua vez, não existe diferença estatisticamente significativa entre as avaliações da segurança no entorno do Parque Olímpico pelos moradores conforme o gênero e a faixa etária (teste Mann-Whitney U). Todavia, observa-se uma maior percepção de segurança por parte dos homens (60% de avaliações positivas; 11,11% de avaliações negativas) do que pelas mulheres (53,23% de avaliações positivas; 17,74% de avaliações negativas) e por pessoas com faixa etária entre 19 e 30 anos (66,67% de avaliações positivas; 3,03% de

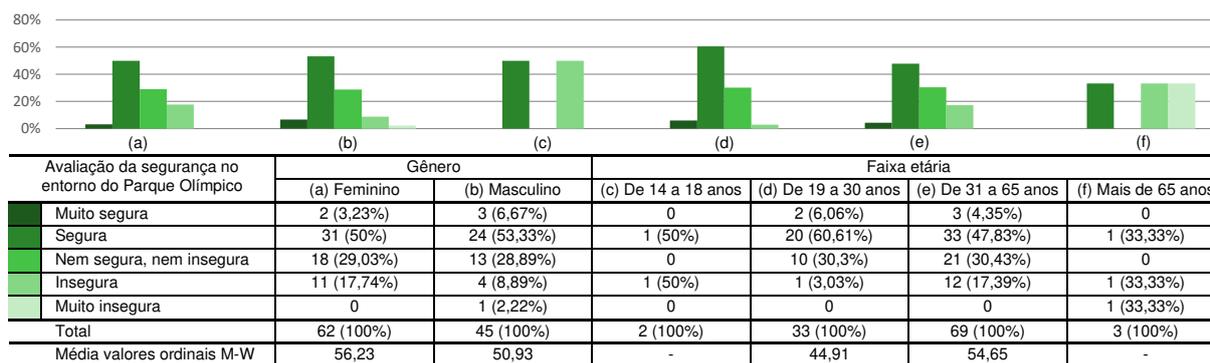
avaliações negativas) do que entre 31 e 65 anos (52,18% de avaliações positivas; 17,39% de avaliações negativas) (Figura 11).

Figura 10: Avaliação da segurança no entorno do Parque Olímpico pelos moradores questionados.



Fonte: Silva (2022).

Figura 11: Avaliação da segurança no entorno do Parque Olímpico pelos moradores questionados conforme o gênero e a faixa etária.



Fonte: Silva (2022).

Da mesma maneira, os moradores do entorno do Parque Olímpico entrevistados percebem a segurança da região como mediana (70% de avaliações positivas; 30% de avaliações negativas) devido à ocorrência de roubos a pedestres (66,67%) e à ausência de policiais nas ruas (66,67%) (Tabela 3). Ainda, 12 (60%) desses moradores afirmam conhecer alguém que já foi assaltado na região ou ter presenciado a cena de algum crime, sobretudo, na Estrada Coronel Pedro Correa (1km a entrada principal do Parque Olímpico). Conforme um dos moradores:

No entorno já está perigoso. Aqui nós temos a comunidade da Cidade de Deus. O final da comunidade é próximo ao meu condomínio [4km de distância] e tem tido muitas ações. Apensar de ter uma grande infraestrutura aqui no entorno de hotéis no nível de Hilton, o entorno está bem perigoso. Violência tem no Rio de Janeiro como um todo, mas eu moro aqui há 12 anos e antes não tinha isso. Na época do Rock in Rio era uma paz, uma tranquilidade porque se instalam muitos policiais. Quando acaba o evento vão todos embora.

No mesmo sentido, os alunos do colégio Alfa Cem entrevistados avaliam a segurança no entorno do Parque Olímpico como mediana (70% de avaliações positivas; 30% de avaliações negativas) por conta da violência no Rio de Janeiro (50%) e dos poucos policiais nas ruas (50%) (Tabela 3). Ainda, 50% (10 de 20) dos alunos conhecem alguém que tenha sido assaltado em frente ao Parque Olímpico.

Logo, apesar da segurança no entorno do Parque Olímpico ser avaliada como mediana pelos moradores do seu entorno e alunos do colégio Alfa Cem, independentemente do gênero e da faixa etária, esta não implica no uso do Parque Olímpico, uma vez que estes grupos percebem o interior deste parque como seguro por haver vigias e cercamento.

Portanto, a segurança no Parque Olímpico é percebida como muito positiva pelos seus funcionários e usuários e positiva pelos moradores do entorno e alunos do colégio Alfa Cem, revelando que a presença de vigias no interior deste parque e de cercamento contribui para a percepção de segurança no local e seu consequente uso no período pós-jogos. Contudo, a segurança no entorno do Parque Olímpico é avaliada como mediana pelos seus usuários, moradores do entorno e alunos do colégio Alfa Cem, principalmente, por haver roubos na região, indicando a necessidade de ações que contribuam para a maior segurança no local. Nesse sentido, o bairro Jacarepaguá é o 128º bairro da cidade (de 154) com maior número de roubo a pedestre e o 126º bairro (de 154) com maior número de roubo de veículos em 2019, confirmando a insegurança na região. Logo, a presença de policiamento no entorno do Parque Olímpico contribuiria para a

maior percepção de segurança por parte dos seus usuários, moradores do entorno e alunos do colégio Alfa Cem.

4 CONCLUSÃO

A percepção de segurança durante o dia por parte de usuários do Parque Olímpico do Rio de Janeiro, sustentada pelo desconhecimento de assaltos, é afetada positivamente pela presença de cercamento, que canaliza a entrada e saída de pessoas durante o dia (quando essa área está aberta) a um único portão vigiado por guardas. Estes resultados estão em sintonia com estudo sobre a segurança na Praça Itanhangá, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul (Basso, 2001), que, apesar de possuir menor área, evidencia que a presença de cercamento, com dois portões de acesso vigiados por guardas, contribui para a percepção de segurança dos seus usuários. Da mesma forma, pesquisa no Parque Germânia, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (Gregoletto et al., 2013), revela que a presença de cercamento, com sete portões de acesso, e de policiamento favorece a percepção de segurança dos frequentadores.

Por sua vez, o fato das pessoas sentirem falta da maior supervisão de guardas em grandes áreas abertas, mesmo que cercadas, conforme exemplificado no Parque Olímpico do Rio de Janeiro, poderia ser tratado também pela inclusão de equipamentos e atividades que sirvam como atratores de usuários e, logo, contribuam para a supervisão dessas grandes áreas, tais como bares e/ou cafeterias e pistas de caminhada, corrida e skate. Estas ideias estão de acordo com os argumentos de Gehl (2010) e Jacobs (2014), os quais afirmam que a presença de uma variedade de atividades em áreas próximas resulta em espaços de lazer mais utilizados. Neste sentido, estudo realizado em parques urbanos da Filadélfia (Groff; McCord, 2011) evidencia que a diversidade de usos dentro do parque contribui para a segurança no local, sobretudo, quando estes usos estão relacionados ao esporte, pois atraem maior quantidade de pessoas, com conseqüente incremento da vigilância natural.

Adicionalmente, verifica-se que a percepção de insegurança no entorno do Parque Olímpico do Rio de Janeiro está associada à ausência de polícias fazendo a vigilância do espaço aberto público e ao conhecimento de crimes (roubos a pedestres e de veículos). Tendo em vista que os usuários do espaço urbano também contribuem para a vigilância natural, a diversidade de usos no entorno de áreas olímpicas também se torna relevante, pois possibilita que públicos variados ocupem as ruas por um período de tempo maior, como já mencionado por alguns autores (Gehl, 2010; Jacobs, 2014). Nesse sentido, espaços urbanos predominantemente residenciais, ocupados por condomínios fechados, com pouca conexão física e visual com a rua, e caracterizados por grandes quadras, as quais favorecem o deslocamento por veículos motorizados, propiciam o roubo a pedestre e a percepção de insegurança, tal como evidenciado no entorno do Parque Olímpico.

Por sua vez, constata-se maior percepção de segurança no espaço olímpico e seu entorno por homens do que por mulheres e por jovens (de 14 a 30 anos) do que pelas demais faixas etárias (mais de 31 anos). Estes resultados corroboram aqueles encontrados em estudos que revelam maior insegurança por parte das mulheres em relação aos homens em parques urbanos da Polônia (Polko; Kimic, 2022) e em espaços públicos do bairro Poble Sec de Barcelona (Carro; Valera; Vidal, 2008) e da América do Norte (Boston; Cambridge; Somerville; e Brookline, em Massachusetts; e Tampa; São Petersburgo; e Sarasota, na Flórida) (Mehta, 2013). Adicionalmente, estes resultados estão em sintonia com aqueles que indicam que a percepção de insegurança tende a aumentar à medida que as pessoas envelhecem (Carro; Valera; Vidal, 2008). As diferenças entre tais percepções reforçam a importância da criação de estratégias que contribuam para a segurança nos espaços de modo que estes sejam frequentados por todos, independentemente do gênero e da faixa etária.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro que contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGLO. *Plano de Legado*. Rio de Janeiro: Ministério do Esporte. Governo Federal, 2017.

ALVES, R. T. O processo de construção, transformação e expansão da Barra da Tijuca para “o futuro do Rio de Janeiro”. *Revista Idealogando*, v. 1, n. 2, p. 642–659, nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/idealogando/article/view/15287/ALVES>. Acesso em: 22 de abr. 2024.

- BASSO, J. M. *Investigação de fatores que afetam o desempenho e apropriação de espaços abertos públicos: o caso de Campo Grande - MS*. 227 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2001.
- BERTUZZI, F. B.; CARDOSO, G. T. A paisagem urbana frente ao uso e apropriação do ambiente construído. In: V Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, 2018. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, IPHAN, IEDS, ICOMOS-BRASIL, 2018. p. 1-13.
- BOO, S.; GU, H. Risk Perception of Mega-events. *Journal of Sport & Tourism*, v. 15, n. 2, p. 139-161, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14775085.2010.498257>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- BOYKOFF, J.; FUSSEY, P. London's shadow legacies: Security and activism at the 2012 Olympics. *Contemporary Social Science*, v. 9, n. 2, p. 253-270, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21582041.2013.838292>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- CARDOSO, M. *100 Anos de Olimpíadas - de Atenas a Atlanta*. 1 ed. São Paulo: Editora Página Aberta, 1996.
- CARRO, D.; VALERA, S.; VIDAL, T. Perceived insecurity in the public space: personal, social and environmental variables. *Quality & Quantity*, v. 44 n. 2, p. 303-314, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/226232283_Perceived_insecurity_in_the_public_space_Personal_social_and_environmental_variables. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- CARVALHOSA, E. *O balanço do legado - Jogos Olímpicos e Paralímpicos*. 1 ed. Rio de Janeiro: Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, 2018.
- FRANCIS, M. *Urban Open Space: Designing For User Needs*. 1 ed. Washington: Island Press, 2003.
- FREITAS, R. F.; ELIAS, R. V. Rio Olímpico: a mercantilização da cidade e o declínio do espaço público. *Interin*, v. 22, n. 2, p. 73-90, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5044/504454376006.pdf>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- GAFFNEY, C. Segurança pública e grandes eventos no Rio de Janeiro. In: MONTEIRO, R. (ed.). *Rio de Janeiro: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital. Observatório das Metrôpoles, 2015. p. 145-170.
- GAMBIM, P. S. *A influência de atributos espaciais na interação entre grupos heterogêneos em ambientes residenciais*. 303 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2007.
- GÄRTNER, A. Desenho do espaço público como ferramenta para a prevenção da violência. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, v. 2, n. 1, p. 56-68, 2008. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/46/44>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- GEHL, J. *Cidades para pessoas*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GOLDBY, N.; HEWARD, I. Designing out crime in the delivery of the London 2012 Olympic Games and the future Queen Elizabeth Olympic Park. *Safer Communities*, v. 12, n. 4, p. 163-175, 2013. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/SC-07-2013-0013/full/html>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- GREGOLETTO, D.; BOCHI, T. C.; SILVA, F. C. DA; REIS, A. T. Existência e inexistência de cercamento, segurança e acessibilidade de parques urbanos. *ARQUISUR Revista*, n. 3, p. 124-137, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/83678/000905925.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- GROFF, E.; McCORD, E. S. The role of neighborhood parks as crime generators. *Security Journal*, v.25, n. 1, p.1-24, 2011. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/sj.2011.1>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- HILLIER, B.; PENN, A.; HANSON, J.; GRAJEWSKI, T.; XU, J. Natural movement: or, configuration and attraction in urban pedestrian movement. *Environment and Planning B: Planning and Design*, v. 20, p. 29-66, 1993. Disponível em: https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1398/1/hillier-et-al-1993_NaturalMovement.pdf. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- IOC. *Carta Olímpica - Vigente a partir del 15 de septiembre de 2017*. Lausanne: IOC, 2017.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- KONSTANTAKI, M.; WICKENS, E. Residents' Perceptions of Environmental and Security Issues at the 2012 London Olympic Games. *Journal of Sport & Tourism*, v. 15, n. 4, p. 337-357, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14775085.2010.533921>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- MEHTA, V. Evaluating Public Space. *Journal of Urban Design*, v. 19, n. 1, p. 53-88, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13574809.2013.854698>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- NEIROTTI, L. D.; HILLIARD, T. W. Impact of Olympic spectator safety perception and security concerns on travel decisions. *Tourism Review International*, v. 10, p. 269-284, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233581606_Impact_of_Olympic_Spectator_Safety_Perception_and_Security_Concerns_on_Travel_Decisions. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- NEWMAN, O. *Defensible space: crime prevention through urban design*. 1 ed. New York: Macmillan Publishing, 1972.

- PASQUOTTO, G. B. Uso e ocupação do solo na Barra da Tijuca e o espraiamento de sua “marca”. In: V Colóquio Internacional sobre o Comércio e a Cidade: uma relação de origem, 2016, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FAUUSP/LABCOM, 2016. p. 1-19.
- POLKO, P.; KIMIC, K. Gender as a factor differentiating the perceptions of safety in urban parks. *Ain Shams Engineering Journal*, v. 13, n. 3, p.1-12, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2090447921003737>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- POYNER, B. *Design against crime*. 1 ed. Cambridge: University Press, 1983.
- RAEDER, S. T. O. Planejamento urbano em sedes de megaeventos esportivos. In: IV Congresso Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado, Sustentável, 2010, Faro, Portugal. *Anais...* Faro, Portugal: Universidade do Minho - DEC e Serviço de Biblioteca - EESC/USP, 2010. p. 1-12.
- RECKZIEGEL, D. *Lazer noturno: aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários*. 218 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2009.
- REIS, A. T. DA L.; BERTONI, A. S.; MARQUES, C. A. N.; MANO, C. M. Cercar ou não o Parque Farroupilha? Uma análise envolvendo uso e segurança. *ARQUISUR Revista*, n. 10, p. 54-71, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151095/001009961.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- SAVILLE, G.; CLEVELAND, G. 2ND generation CPTED: an antidote to the social Y2K virus of urban design. In: 3rd International CPTED Conference, 1998, Washington. *Anais...*Washington: International CPTED Association, 1998. p. 1-19.
- SUNG, H.; LEE, S.; CHEON, S. H. Operationalizing Jane Jacobs’s Urban Design Theory: empirical verification from the great city of Seoul, Korea. *Journal of Planning Education and Research*, v. 35, n. 2, p. 117–130, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0739456X14568021>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- SILVA, G.; REIS, A. T. Localização e usos de equipamentos olímpicos: uma análise exploratória pós-jogos. In: V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (ENANPARQ), 2018, Salvador. *Anais...*Salvador: ANPARQ, 2018. p. 3908-3913.
- SPAAIJ, R. Terrorism and Security at the Olympics: Empirical Trends and Evolving Research Agendas. *International Journal of the History of Sport*, v. 33, n. 4, p. 451-468, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2015.1136290>. Acesso em: 22 de abr. 2024.
- VIEIRA, L. B. Influência do espaço construído na ocorrência de crimes em conjuntos habitacionais. 310 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2002.
- VOORDT, T. J. M. VAN DER; WEGEN, H. B. R. VAN. Testing building plans for public safety: Usefulness of the Delft checklist. *The Netherlands Journal of Housing and Environmental Research*, v. 5, n. 2, p. 129-154, 1990.
- ZANOTTO, K. DA R. Segurança em área urbana central: configuração, forma urbana e usuários. 161 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2002.
- YU, X. *The Question of Legacy and the 2008 Olympic Games: An Exploration of Post-Games Utilization of Olympic Sport Venues in Beijing*. 298 f. Tese (doutorado). Universidade de Western. Escola de Graduação e Pós-Doutorado, Ontário, 2012.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.